

**A moda como linguagem crítica e prática cultural: leituras sobre a coleção
“Brasilião” da Dendzeiro e a resignificação da Lei da Vadiagem nas expressões
do streetwear contemporâneo**

*Fashion as a critical language and cultural practice: readings on Dendzeiro's
"Brasilião" collection and the reinterpretation of the Vagrancy Law in
contemporary streetwear expressions*

Marcos Daniel da Silva OLIVEIRA¹

Resumo

O artigo analisa a coleção “Brasilião”, da Dendzeiro, evidenciando a moda como linguagem estética e instrumento crítico no contexto contemporâneo. A coleção destaca-se pela fusão entre alfaiataria e streetwear, expressa em silhuetas amplas, volumes marcantes e sobreposições, associadas a materiais de aspecto artesanal e cores ligadas à ancestralidade. Também incorpora referências aos bailes black das décadas de 1970 e 1980 e à cultura negra urbana, resignificando esses repertórios na atualidade. O estudo demonstra ainda que a coleção questiona estruturas históricas de controle social, como a Lei da Vadiagem, ao valorizar a expressividade e a liberdade dos corpos. Assim, o streetwear é compreendido como prática de resistência e visibilidade, reforçando a moda como espaço de identidade, memória e transformação social.

Palavras-chave: Moda. Cultura. Resistência. Identidade.

Abstract

The article analyzes Dendzeiro's “Brasilião” collection, highlighting fashion as an aesthetic language and a critical instrument in the contemporary context. The collection stands out for its fusion of tailoring and streetwear, expressed through oversized silhouettes, striking volumes, and layering, combined with handcrafted-looking materials and colors associated with ancestry. It also incorporates references to Black dances of the 1970s and 1980s and to urban Black culture, reinterpreting these repertoires in the present day. The study further demonstrates that the collection challenges historical structures of social control, such as the Vagrancy Law, by valuing bodily expressiveness and freedom. Thus, streetwear is understood as a practice of resistance and visibility, reinforcing fashion as a space for identity, memory, and social transformation.

Keywords: Fashion. Culture. Resistance. Identity.

¹ Mestrando em Engenharia Têxtil (UFRN). E-mail: marcosdanieoliveira@gmail.com

Introdução

A moda, ao longo de sua consolidação como campo de estudo, tem sido progressivamente compreendida para além de sua dimensão estética ou mercadológica, sendo reconhecida como um sistema de significação capaz de produzir, mediar e comunicar sentidos no âmbito social e cultural (Fiorani, 2025). Nessa perspectiva, a vestimenta deixa de ser entendida apenas como cobertura do corpo e passa a ser interpretada como linguagem, isto é, como um conjunto de signos que expressam valores, identidades, pertencimentos e disputas simbólicas. Tal compreensão insere a moda no campo ampliado da comunicação, na medida em que ela participa ativamente da construção de narrativas visuais e discursivas que circulam na sociedade contemporânea, dialogando com diferentes contextos históricos, políticos e culturais (La Serra, 2024).

É nesse cenário que se insere a atuação da marca Dendezeiro, cujas criações evidenciam um posicionamento estético e conceitual voltado à articulação entre moda e questões sociais. A coleção “Brasiliانو”, apresentada como o desfecho de uma trilogia, propõe uma leitura crítica de elementos da história social brasileira, mobilizando referências que atravessam memória, cultura e identidade. Ao incorporar, em seu processo criativo, aspectos relacionados às vivências de populações negras e periféricas, a coleção constrói uma narrativa visual que articula elementos da alfaiataria tradicional com linguagens próprias do streetwear, resultando em composições que evidenciam sobreposições, volumes específicos e comprimentos reduzidos, além de dialogar com referências dos bailes black das décadas de 1970 e 1980. Esses elementos, por sua vez, não se restringem ao campo formal, mas se configuram como dispositivos de comunicação que acionam repertórios culturais e históricos.

Nesse contexto, a menção à Lei da Vadiagem emerge como um ponto central para a compreensão do discurso proposto pela coleção. Historicamente, essa legislação esteve associada a práticas de controle social, incidindo de maneira significativa sobre determinados corpos e modos de vida, especialmente aqueles vinculados às populações negras e às manifestações culturais populares (Jesus, 2024). Ainda que revogada, sua permanência simbólica pode ser observada em dinâmicas contemporâneas que continuam a tensionar a relação entre cultura, território e legitimidade social. Ao evocar esse referencial, a coleção “Brasiliانو” estabelece uma ponte entre passado e presente,

sugerindo uma reflexão sobre continuidades e transformações nos modos de regulação social.

Paralelamente, o diálogo com o streetwear e com culturas periféricas amplia o alcance interpretativo da coleção. O streetwear, entendido como uma expressão estética vinculada às vivências urbanas e às culturas juvenis, constitui-se como um espaço de circulação de signos que frequentemente emergem de contextos marginalizados e posteriormente ganham visibilidade em circuitos mais amplos. Nesse sentido, a incorporação de referências como o funk e os bailes black evidencia a articulação entre moda e práticas culturais que historicamente ocuparam posições de tensão no espaço social. A coleção, ao mobilizar tais referências, insere-se em um campo de produção simbólica que dialoga com questões de identidade, pertencimento e visibilidade.

Diante desse panorama, coloca-se como problema de pesquisa a seguinte questão: como a coleção “Brasilião”, da marca Dendzeiro, utiliza a moda como linguagem crítica para ressignificar a memória da Lei da Vadiagem nas expressões contemporâneas do streetwear? Essa indagação orienta a investigação proposta, ao buscar compreender de que maneira elementos estéticos, materiais e conceituais são articulados para produzir sentidos que extrapolam o campo da aparência e se inserem em debates mais amplos sobre cultura e sociedade.

Moda, linguagem e resistência

A compreensão da moda como linguagem e sistema de comunicação insere-se em um campo teórico que ultrapassa a dimensão utilitária da vestimenta, deslocando-a para o âmbito simbólico e discursivo (Fiorani, 2025). Nesse sentido, a moda pode ser entendida como um conjunto de signos organizados socialmente, cuja leitura depende de códigos compartilhados entre os sujeitos. A roupa, enquanto elemento visível e material, atua como mediadora de significados, permitindo que o corpo vestido se torne suporte de narrativas que articulam identidade, pertencimento, distinção e posicionamento social (La Serra, 2024). Ao considerar a moda como signo, reconhece-se que cada escolha estética — seja de forma, cor, material ou composição — carrega potencial semântico, participando da produção de discursos que circulam em diferentes esferas sociais (Entwistle, 2023).

A dimensão discursiva da moda evidencia-se na medida em que ela não apenas

reflete contextos culturais, mas também contribui para sua construção e transformação. A vestimenta, nesse quadro, funciona como linguagem capaz de enunciar posicionamentos, ainda que de forma não verbal, estabelecendo relações entre o indivíduo e o coletivo (Ekpa et al, 2025). Tal processo está intrinsecamente ligado à construção de sentido, uma vez que o ato de vestir envolve tanto a emissão quanto a interpretação de mensagens. Os significados atribuídos à moda não são fixos, mas resultam de negociações contínuas entre sujeitos, grupos e instituições, sendo influenciados por fatores históricos, sociais e culturais (Fiorani, 2025) . Dessa forma, a roupa pode operar simultaneamente como marcador de identidade e como campo de disputa simbólica (Gusmão, 2024).

Ao ampliar essa perspectiva, a moda pode ser compreendida como uma forma de mídia cultural. Assim como outros meios de comunicação, ela participa da circulação de ideias, valores e representações, utilizando o corpo como suporte e a visualidade como linguagem predominante (Oliveira; Nogueira; Rosa, 2025). Desfiles, campanhas, editoriais e práticas cotidianas de vestir constituem espaços de mediação nos quais sentidos são produzidos e compartilhados. Nesse contexto, a moda não apenas comunica tendências estéticas, mas também articula discursos sobre gênero, raça, classe e cultura, posicionando-se como um campo relevante para a análise das dinâmicas sociais contemporâneas (Entwistle, 2023).

A relação entre moda, cultura e resistência amplia essa discussão ao considerar a vestimenta como prática cultural situada, atravessada por relações de poder. A moda, enquanto prática, envolve processos de criação, circulação e apropriação que refletem e, ao mesmo tempo, tensionam estruturas sociais (La Serra, 2024). Em diferentes contextos históricos, grupos sociais têm utilizado a moda como meio de afirmação identitária e de expressão cultural, especialmente em situações nas quais suas formas de existência foram marginalizadas ou invisibilizadas (Magalhães, 2024). Nesse sentido, a resistência na moda não se manifesta necessariamente de forma explícita, mas pode ser observada em escolhas estéticas que reafirmam pertencimentos, recuperam memórias ou reconfiguram símbolos (Cassar, 2024).

As expressões de resistência na moda frequentemente emergem em contextos nos quais identidades são tensionadas por normas sociais hegemônicas. No caso de identidades negras e periféricas, a vestimenta assume um papel significativo na construção de narrativas que dialogam com ancestralidade, territorialidade e

experiências coletivas (Magalhães, 2025). Elementos como tecidos, cores, modelagens e formas de uso podem carregar referências culturais específicas, funcionando como dispositivos de memória e continuidade. Ao mesmo tempo, tais expressões também evidenciam processos de adaptação e reinvenção, nos quais tradições são reinterpretadas à luz de contextos contemporâneos. A moda, nesse cenário, configura-se como espaço de visibilidade e de negociação simbólica, no qual diferentes repertórios culturais são articulados (Santos, 2025).

A Lei da Vadiagem, por sua vez, insere-se em um debate mais amplo sobre mecanismos históricos de controle dos corpos. Instituída em um contexto marcado por transformações sociais e políticas no Brasil, essa legislação esteve associada à regulação de comportamentos considerados desviantes, incidindo de maneira particular sobre populações negras e economicamente marginalizadas (Felitte, 2024). A noção de “vadiagem”, nesse contexto, não se restringia à ausência de trabalho formal, mas abrangia práticas culturais, modos de ocupação do espaço urbano e formas de sociabilidade que escapavam aos padrões normativos estabelecidos. Assim, a lei operava como instrumento de vigilância e disciplinamento, contribuindo para a construção de estigmas associados a determinados grupos sociais (Machado; Oliveira, 2025).

A criminalização de corpos negros e de culturas populares, nesse sentido, não pode ser compreendida apenas como um fenômeno do passado, mas como parte de um processo histórico cujas reverberações se fazem presentes em dinâmicas contemporâneas (Santos, 2023). Ainda que a Lei da Vadiagem tenha sido formalmente revogada, seus efeitos simbólicos podem ser observados na forma como determinadas práticas culturais continuam a ser interpretadas, reguladas ou marginalizadas. A permanência desses sentidos evidencia a complexidade das relações entre legislação, cultura e sociedade, indicando que processos de exclusão e controle podem se reconfigurar ao longo do tempo, assumindo novas formas e discursos (Machado; Oliveira, 2025).

No âmbito da moda, a evocação dessa memória histórica permite compreender como elementos estéticos podem operar como ferramentas de reflexão sobre tais continuidades. Ao incorporar referências que dialogam com esse passado, a moda pode contribuir para a construção de narrativas que articulam memória e contemporaneidade, oferecendo novas possibilidades de leitura sobre processos

sociais. Nesse sentido, a vestimenta torna-se um meio pelo qual questões históricas são reativadas e reinterpretadas, inserindo-se no campo das práticas culturais que participam da produção de sentido (Marques, 2025).

A discussão sobre streetwear e estética periférica complementa esse quadro ao evidenciar a relação entre moda e culturas urbanas. O streetwear, cuja origem está associada a contextos urbanos e a práticas culturais juvenis, consolidou-se como uma linguagem estética que articula elementos de diferentes matrizes culturais, incluindo música, dança e artes visuais. Sua trajetória está vinculada a movimentos que emergem em espaços urbanos marcados por dinâmicas específicas de sociabilidade, nos quais a criatividade e a expressão individual assumem papel central. Ao longo do tempo, o streetwear passou por processos de expansão e ressignificação, sendo incorporado por diferentes segmentos da indústria da moda (Machado; Oliveira, 2025; Magalhães, 2025).

A relação do streetwear com manifestações culturais como o funk e os bailes black evidencia a interdependência entre moda e outras formas de expressão artística. Essas manifestações, que envolvem música, dança e performance, constituem espaços de produção cultural nos quais a vestimenta desempenha papel relevante na construção de identidades e na comunicação de pertencimentos (Magalhães, 2025). Os bailes black, por exemplo, historicamente se configuraram como ambientes de sociabilidade e afirmação cultural, nos quais a estética — incluindo roupas, cabelos e acessórios — participava ativamente da criação de uma identidade coletiva (Rezende, 2024).

No contexto contemporâneo, observa-se um movimento de apropriação e ressignificação dessas estéticas no campo da moda, no qual elementos originados em contextos periféricos passam a circular em diferentes espaços, incluindo passarelas e mercados globais (Hughes, 2022). Esse processo envolve dinâmicas complexas de mediação cultural, nas quais significados podem ser transformados, deslocados ou reinterpretados. A incorporação do streetwear pela moda contemporânea evidencia, portanto, não apenas a circulação de formas estéticas, mas também a articulação de discursos que atravessam questões de identidade, cultura e poder (Limberger, 2024).

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, de caráter

exploratório e interpretativo, orientada pela compreensão da moda enquanto linguagem e prática cultural inserida em um contexto social e simbólico mais amplo (Gil, Vergara, 2015). A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de analisar a coleção “Brasiliانو” para além de seus aspectos formais, considerando os sentidos, discursos e significados que emergem de sua construção estética e conceitual. O caráter exploratório, por sua vez, permite aprofundar a investigação em um objeto contemporâneo, ainda pouco sistematizado no campo acadêmico, enquanto a dimensão interpretativa possibilita estabelecer relações entre os elementos visuais da coleção e os contextos históricos e culturais aos quais ela se vincula.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa adota uma abordagem analítica que articula diferentes níveis de leitura. Inicialmente, realiza-se uma análise imagética da coleção, considerando os looks apresentados, as silhuetas construídas, os materiais utilizados e as composições visuais propostas. Essa etapa busca identificar padrões formais, recorrências estéticas e escolhas projetuais que estruturam a identidade visual da coleção. Aspectos como volumes, sobreposições, comprimentos, texturas e acabamentos são observados enquanto elementos constitutivos de uma linguagem visual que comunica intencionalidades específicas (Figura 1).

Figura 1 – Coleção Brasiliانو



Fonte: SPFW25

O corpus da pesquisa é constituído pela coleção “Brasiliانو”, da marca Dendezeiro, incluindo seus desdobramentos visuais e materiais. São considerados, para análise, registros fotográficos dos looks, imagens de desfiles, composições de

styling, bem como acessórios e detalhes construtivos que compõem o conjunto da coleção. Esses elementos são tratados como documentos visuais que possibilitam a leitura da coleção enquanto objeto comunicacional.

A construção estética da coleção “Brasileiro”

A coleção revela um sistema visual complexo e altamente articulado, no qual diferentes linguagens do vestuário são tensionadas e recombinadas para produzir uma estética contemporânea ancorada em referências culturais brasileiras. No que se refere à relação entre alfaiataria e streetwear, observa-se uma fusão que não se limita a uma justaposição superficial de códigos, mas que opera em nível estrutural, redefinindo tanto a rigidez tradicional da alfaiataria quanto a informalidade característica do vestuário urbano. Peças que remetem à alfaiataria clássica, como blazers, camisas estruturadas e conjuntos coordenados, são ressignificadas por meio de modelagens mais amplas, caimentos relaxados e intervenções construtivas que quebram a formalidade esperada. Simultaneamente, elementos associados ao streetwear, como calças amplas, sobreposições e uso de tecidos com aparência desgastada ou artesanal, são incorporados de maneira sofisticada, deslocando-os de um campo puramente urbano para uma dimensão conceitual e autoral. Esse hibridismo evidencia uma proposta estética que tensiona hierarquias tradicionais da moda, promovendo um diálogo entre o erudito e o popular, o formal e o cotidiano.

No âmbito das silhuetas e volumes, a coleção apresenta uma predominância de formas amplas e fluidas, que sugerem liberdade de movimento e uma relação menos normativa com o corpo. As silhuetas não se orientam por um ideal de ajuste preciso, típico da alfaiataria tradicional, mas sim por uma lógica de expansão, na qual o volume se torna elemento central de expressão estética. Saias longas e volumosas, calças de pernas largas, camisas oversized e vestidos com caimento solto configuram uma paisagem visual marcada pela dilatação das formas. Essa ampliação volumétrica é frequentemente potencializada pelo uso de sobreposições, que desempenham papel fundamental na construção da imagem de moda apresentada. O layering não aparece apenas como recurso estilístico, mas como estratégia narrativa, criando profundidade visual e sugerindo camadas simbólicas relacionadas à identidade, à memória e à experiência cultural. A sobreposição de peças — como camisas sob casacos leves,

vestidos combinados a outras estruturas têxteis ou conjuntos compostos por múltiplos elementos — contribui para a complexificação da leitura visual, exigindo do observador uma atenção mais prolongada e analítica.

Os volumes também são modulados por meio de recursos construtivos como amarrações, franzidos e dobras, que introduzem variações na superfície e na forma das peças. Esses elementos, além de desempenharem função estética, indicam uma aproximação com práticas artesanais, reforçando a dimensão manual da coleção. A presença de nós e amarras, por exemplo, não apenas altera a silhueta, mas também atua como marcador simbólico de um fazer que valoriza o gesto, o processo e a intervenção direta sobre o material. Nesse sentido, a construção volumétrica da coleção não pode ser dissociada de sua materialidade, uma vez que os tecidos utilizados parecem dialogar diretamente com essas estratégias formais.

No que diz respeito aos elementos visuais e materiais, a coleção evidencia uma escolha deliberada por superfícies que evocam naturalidade e rusticidade, sugerindo o uso de fibras como algodão e linho, ou de materiais que simulam essas características. A textura dos tecidos, frequentemente irregular ou com aparência artesanal, desempenha papel central na construção da estética proposta, funcionando como suporte para a narrativa de valorização do feito à mão e das tradições culturais. Além disso, observa-se a presença de padronagens que remetem ao universo popular, como xadrezes e listras, muitas vezes apresentados de forma desconstruída ou com aparência de imperfeição controlada. Essas padronagens contribuem para a criação de um ritmo visual ao longo da coleção, estabelecendo relações de continuidade e variação entre os looks.

A cartela de cores reforça essa abordagem material e simbólica, com predominância de tons terrosos, como marrons, beges, ocre e ferrugens, intercalados por neutros como branco e preto e por inserções pontuais de cores mais saturadas. Essa escolha cromática não apenas unifica visualmente a coleção, mas também remete a uma paleta associada à terra, à natureza e às práticas tradicionais, ampliando o campo semântico da proposta estética. A cor, nesse contexto, atua como elemento de mediação entre forma e conceito, contribuindo para a construção de uma identidade visual coerente e reconhecível.

A articulação entre alfaiataria e streetwear, aliada ao uso estratégico de volumes, sobreposições e materiais, resulta em uma estética que pode ser

compreendida como híbrida e relacional. A coleção “Brasiliano” não se limita a representar uma identidade cultural de forma literal, mas a constrói por meio de operações formais e materiais que traduzem, em linguagem de moda, questões relacionadas à ancestralidade, ao território e à contemporaneidade. Ao integrar códigos distintos e, por vezes, tensioná-los, a marca produz um discurso visual que desafia categorizações rígidas, propondo uma leitura mais fluida e dinâmica da moda brasileira.

Referências culturais e memória dos bailes black

A construção estética da coleção não se limita aos aspectos formais e materiais, sendo fundamentada em referências culturais ligadas aos bailes black das décadas de 1970 e 1980 no Brasil. Esses eventos, associados à valorização da identidade negra e à criação de espaços de sociabilidade e resistência, constituem um importante pano de fundo simbólico. Na coleção, tais referências são reinterpretadas de forma contemporânea, evitando uma abordagem literal ou nostálgica.

A influência desse período se manifesta nas silhuetas amplas, nos tecidos fluidos e na expressividade dos looks, que remetem à valorização do corpo e do movimento típicos dos bailes. A ideia de “se vestir para ser visto” também se faz presente, evidenciando uma dimensão performativa do vestuário que articula passado e presente em uma linguagem atualizada.

No diálogo com a cultura negra urbana, a coleção evidencia elementos como acessórios marcantes, penteados naturais e a fusão entre alfaiataria e streetwear. Essa combinação reflete processos históricos de ressignificação de códigos formais pela moda negra, reforçando a construção de uma estética própria, situada entre elegância e informalidade.

A coleção também opera por meio da reapropriação cultural, elevando elementos antes marginalizados ao status de linguagem estética sofisticada. Padronagens, cores e acessórios funcionam como marcadores simbólicos de memória, ancestralidade e pertencimento, ampliando os sentidos da proposta para além de um recorte temporal específico.

Por fim, destaca-se a dimensão política dessas referências, uma vez que os bailes black representaram espaços de afirmação identitária e resistência. Assim, a coleção pode

ser compreendida como um dispositivo de memória que articula moda, cultura e identidade, contribuindo para a valorização e atualização dessas narrativas no contexto contemporâneo da moda brasileira.

Moda como crítica à Lei da Vadiagem

A linguagem crítica, evocando memórias históricas relacionadas à Lei da Vadiagem e aos mecanismos de controle e vigilância de corpos, sobretudo aqueles racializados e pertencentes às classes populares. A evocação dessa memória não ocorre por meio de representações diretas ou narrativas explícitas, mas através de uma construção visual que tensiona normas históricas de conduta, aparência e circulação social, permitindo uma leitura que associa vestuário, corpo e poder.

A Lei da Vadiagem, historicamente utilizada como instrumento de criminalização da pobreza e da população negra no Brasil, estabelecia critérios normativos sobre o que seria considerado trabalho legítimo e comportamento aceitável no espaço público, operando, portanto, como um dispositivo de controle sobre os corpos e suas formas de existir. Nesse sentido, a coleção pode ser interpretada como uma resposta simbólica a esse tipo de regulação, ao propor uma estética que valoriza justamente aquilo que, em determinados contextos históricos, foi marginalizado ou considerado desviante. As silhuetas amplas, os caimentos soltos e a aparente informalidade das peças podem ser lidos como uma recusa às imposições de disciplinamento do corpo, sugerindo liberdade de movimento e autonomia em relação a padrões normativos de vestimenta.

A presença de elementos como sobreposições, amarrações e construções que escapam à lógica rígida da alfaiataria tradicional reforça essa leitura, na medida em que introduz uma dimensão de desordem controlada, que desafia expectativas de organização e “correção” visual. Esses recursos não apenas configuram uma estética específica, mas também atuam como metáforas visuais para práticas de resistência, nas quais o corpo se afirma em sua multiplicidade e em sua capacidade de escapar a enquadramentos normativos. A própria fusão entre alfaiataria e streetwear pode ser entendida como um gesto político, ao deslocar códigos associados ao poder e à formalidade — historicamente restritos a determinados grupos sociais — e colocá-los em diálogo com referências urbanas e populares.

A relação com o controle e a vigilância de corpos se torna ainda mais evidente quando se considera o contexto histórico em que leis como a da vadiagem foram aplicadas, marcando profundamente a experiência da população negra e periférica nas cidades brasileiras. A moda, nesse cenário, não era um campo neutro, mas um dos elementos através dos quais se construíam distinções sociais e se legitimavam práticas de exclusão. Ao propor uma estética que valoriza a expressividade, o volume, a presença e a visibilidade, a coleção parece reivindicar o direito ao corpo em sua plenitude, recusando a invisibilização e a padronização impostas por esses dispositivos históricos de controle.

Os elementos visuais e materiais da coleção também contribuem para essa discussão, na medida em que evocam práticas culturais e modos de vestir associados a contextos populares e periféricos. A valorização de texturas artesanais, de acabamentos que sugerem o feito à mão e de uma cartela de cores ligada à terra e à ancestralidade pode ser interpretada como uma forma de reinscrever essas referências em um espaço de legitimidade estética. Esse movimento, por sua vez, tensiona a lógica histórica que marginalizou tais expressões, frequentemente associando-as à ideia de atraso, desordem ou improdutividade — categorias que dialogam diretamente com o imaginário construído em torno da vadiagem.

A atualização desse debate no presente se dá justamente pela capacidade da coleção de transformar essas referências históricas em linguagem contemporânea, evidenciando que as questões relacionadas ao controle e à vigilância de corpos não pertencem apenas ao passado, mas continuam a operar, ainda que sob novas formas, na sociedade atual. A moda, ao incorporar e ressignificar esses elementos, atua como meio de reflexão crítica, permitindo que tais questões sejam revisitadas e discutidas em outros registros. Nesse sentido, a coleção não apenas rememora um passado de repressão, mas também aponta para continuidades estruturais que ainda afetam determinados grupos sociais, especialmente no que diz respeito à liberdade de circulação, à construção de identidades e à legitimação de modos de vida.

Do ponto de vista analítico, essa abordagem evidencia uma compreensão ampliada da moda como prática social e cultural, capaz de articular estética e política de maneira indissociável. A coleção “Brasiliano” se insere, assim, em um campo de produção simbólica no qual o vestuário funciona como ferramenta de questionamento e reinterpretação histórica, deslocando o olhar do espectador para além da superfície das roupas e convidando à reflexão sobre os sistemas de poder que atravessam o corpo e sua

representação. Ao mobilizar a memória da Lei da Vadiagem e seus desdobramentos, a coleção constrói um discurso visual que, ao mesmo tempo, denuncia, resiste e reimagina possibilidades de existência, reafirmando o potencial crítico da moda no contexto contemporâneo.

O streetwear como prática de resistência contemporânea

A incorporação do streetwear na coleção evidencia a moda como um campo de disputa simbólica, no qual práticas oriundas de contextos urbanos e periféricos são mobilizadas como formas de resistência. Mais do que tendência, o streetwear é apresentado como repertório social e político, historicamente ligado à afirmação identitária e à contestação de normas hegemônicas, sendo utilizado como estratégia que tensiona hierarquias culturais.

Nesse contexto, a apropriação estética assume caráter político ao deslocar signos da marginalidade para espaços de visibilidade e legitimação. Modelagens amplas, sobreposições e materiais associados ao cotidiano urbano são reinterpretados de forma autoral, articulando sofisticação e informalidade sem esvaziar seus significados originais, mas, ao contrário, ampliando-os.

A relação com culturas marginalizadas se evidencia na aproximação com manifestações como o funk, cuja trajetória também é marcada por resistência e estigmatização. Assim como nessas culturas, o vestuário na coleção valoriza o corpo em movimento, a presença e a performatividade, reforçando o papel da moda na construção de identidade e pertencimento.

A coleção também dialoga com a lógica de ressignificação dessas culturas, marcada pela reinvenção constante. A mistura entre o casual e o formal, aliada à recusa de padrões rígidos, revela uma estética fluida e dinâmica, característica do streetwear como prática adaptativa e potente frente a contextos sociais adversos.

Por fim, a moda se afirma como ferramenta de visibilidade e circulação de narrativas historicamente marginalizadas. A presença do streetwear na coleção reforça seu papel como linguagem crítica, capaz de articular estética, cultura e política, contribuindo para a valorização dessas expressões e para o debate contemporâneo sobre identidade e representação.

Considerações finais

A presente investigação buscou compreender como a coleção “Brasiliano”, da Dendezeiro, articula moda, cultura e política a partir da relação entre estética e identidade no contexto brasileiro contemporâneo. Observou-se que a coleção ultrapassa a dimensão formal do vestuário, constituindo-se como um sistema simbólico no qual elementos como silhueta, materialidade e composição se integram a referências culturais e históricas, produzindo múltiplas camadas de sentido.

Entre os principais achados, destaca-se a construção estética híbrida, que combina alfaiataria e streetwear, tensionando fronteiras entre o formal e o informal. Essa fusão se expressa em silhuetas amplas, volumes e sobreposições, além do uso de materiais com aparência artesanal, que reforçam a valorização da manualidade, da naturalidade e de uma identidade visual coesa.

A incorporação de referências culturais, especialmente dos bailes black e da cultura negra urbana, evidencia a articulação entre passado e presente. A coleção ressignifica esses repertórios ao mesmo tempo em que mobiliza questões políticas, como a crítica a mecanismos históricos de controle dos corpos, propondo uma estética baseada na expressividade e autonomia.

O streetwear, por sua vez, aparece como prática de resistência contemporânea, destacando a moda como espaço de disputa simbólica. Ao dialogar com contextos periféricos, como o funk, a coleção amplia a visibilidade de narrativas marginalizadas e questiona hierarquias estéticas consolidadas, reforçando o papel da moda como linguagem política.

Conclui-se, portanto, que a coleção se configura como um dispositivo de articulação entre estética e política, evidenciando o potencial da moda como campo de produção simbólica, memória e transformação social, além de contribuir para o debate sobre identidade e representação na contemporaneidade.

Referências

CASSAR, Rachael. Materialidade negligenciada; monumentos não intencionais da moda. In: **Materialidade, produção, memória e sustentabilidade: uma perspectiva crítica da moda a partir de uma recicladora**. Sydney: Universidade de Tecnologia de Sydney, 2024.

EKPO, Gladness et al. Mudanças nas tendências de vestuário como comunicação cultural e negociação de identidade entre o povo Efik da Nigéria. **African Identities**, p. 1-20, 2025.

ENTWISTLE, Joanne. O corpo moldado: moda, vestuário e teoria social moderna. 3. ed. **Cambridge: Polity Press; John Wiley & Sons**, 2023. 281 p.

FELITTE, Almir. **A história da polícia no Brasil: Estado de exceção permanente?** São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FIORANI, Mauro. **Moda é comunicação?** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2025.

GIL, Antonio Carlos; VERGARA, Sylvia Constant. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Tipo de pesquisa. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Manual de estrutura e formatação de trabalhos acadêmicos**. Pelotas: UFPel, 2015.

GUSMÃO, Roney. Os marcadores visuais de gênero: moda e subversão no espaço público. **dObra[s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 41, p. 38-54, 2024.

HUGHES, Harriet. Translocal Subjectivities, Space, and Aesthetics: The World of Nigerian Fashion. In: MCGREGOR, JoAnn; AKOU, Heather M.; STYLIANOU, Nicola (ed.). **Creating african fashion histories: politics, museums, and sartorial practices**. Bloomington: Indiana University Press, 2022. p. 115-132.

JESUS, Arilson da Rosa. **Negritude, objetificação e controle social: uma leitura anticolonial e afropessimista do extermínio e da criminalização da juventude negra no Brasil**. 2024. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

LA SERRA, Bruna Raquel. **Moda (e) linguagem: a roupa discursiva**. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

LIMBERGER, Henrique Cunha. **O streetwear brasileiro como expressão de identidade cultural: uma análise sobre o coletivo Je M'Apelle Brasil na Paris Fashion Week**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

MACHADO, Giovanni Simon; OLIVEIRA, Gabrielle Paula de. Vadios e repressão à vadiagem no Brasil: acumulação primitiva, controle social e disciplina do trabalho. **Izquierdas**, v. 54, 2025.

MAGALHÃES, Aline Carvalho de. **Hibridismo cultural e hip-hop: referências estéticas da moda periférica**. 2025. 48 f. Monografia (Graduação em Administração) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2025.

MARQUES, Italo Samuel. **Historicizando a moda: a potencialidade da indumentária preta como fonte histórica nas pranchas de Carlos Julião**. 2025. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025.

OLIVEIRA, Gabriela Aparecida Santos; NOGUEIRA, Victor Augusto Fabbion; ROSA, Flávia Gabriela da Costa. Corpo e mídia: a moda como ferramenta de comunicação. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 16, n. 31, 2025.

REZENDE, Izabella Vitoria Campos. **Baile black: a sua importância para o desenvolvimento da identidade criativa de pessoas negras na moda em Goiânia**. 2024. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Moda) – Universidade Estadual de Goiás, Trindade, 2024.

SANTOS, Maria Alice Nascimento. **Design de superfície têxtil como meio de patrimônio cultural e identidade afro-brasileira**. 2025. 118 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2025.

SANTOS, Rodrigo Severo dos. **A performance negra no Brasil: estéticas descolonizadas na cena contemporânea**. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.